

“Rever, repensar, reescrever”: os originais de *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago

Edgard Murano¹

O ROMANCE *O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS*, publicado em 1984 por José Saramago (1922-2010), é considerado uma das obras mais consequentes do autor português vencedor do prêmio Nobel de Literatura de 1998. A narrativa, que mistura elementos ficcionais com símbolos da cultura e da história portuguesa, acompanha, em plena ditadura salazarista, o regresso a Lisboa do protagonista Ricardo Reis – tomado à heteronímia do poeta Fernando Pessoa (1888-1935) – após um longo período de exílio no Brasil.

Diante do estilo errático da obra, cujo narrador se deixa flagrar em digressões e raciocínios tortuosos, apresentando características ora de um texto poético, ora de um texto ensaístico, as emendas e as inovações contidas nos datiloscritos evidenciam um grande apuro do autor em relação à linguagem, indicando um profundo conhecimento em relação à poética pessoana, cujos versos do heterônimo em questão muitas vezes integram-se à narrativa sob a forma de diálogos e descrições.

A essa altura do processo criativo, representada pelo datiloscrito, com o texto já bem próximo da forma final que seria sacramentada pela *editio princeps*, a anotação a caneta feita por Saramago no topo da primeira página – “rever, repensar, reescrever” – soa como uma “palavra de ordem” de um escritor atento à forma do dizer, realizando sobretudo ajustes de ordem estilística que vão muito além de meras correções ortográficas.

Já na frase de abertura, que descreve o retorno de Ricardo Reis a bordo do Highland Brigade, impressiona a riqueza de variantes implicada na descrição da cena, cuja cronologia indica a preocupação do autor com a perspectiva do protagonista e com a relação entre terra e mar sob a ótica do viajante.

Aqui o mar acaba e a terra principia.
~~Cá onde o mar acaba e a terra principia.~~
~~Aqui, onde a terra começa e o mar se acaba.~~

Os originais de *O ano da morte de Ricardo Reis* descortinam como a oralidade característica do texto saramaguiano, em que se pese sua aparência espontânea, é fruto de um minucioso trabalho de edição, quase a ponto de borrar os limites de onde o rascunho acaba e a obra propriamente dita principia.

¹ Doutorando em Filologia e Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). E-mail: edgard.murano@gmail.com

